







Mensagens para o cuidado mútuo

*Leituras da Bíblia
a partir da
psicologia junguiana*

Alfredo dos Santos Oliva

Sumário

PREFÁCIO	9
INTRODUÇÃO	13
01. Três considerações sobre a oração Salmo 13:1-6	19
02. Deus como pastor e como anfitrião Salmo 23:1-6	25
03. De onde vem a ajuda que precisamos? Salmo 121:1-8	31
04. A união das pessoas Salmo 133:1-3	39
05. Como experimentamos a sabedoria? Provérbios 4:1-27	45
06. Que é a sabedoria? Provérbios 8:1-36	57
07. Seguindo os conselhos dos sábios Provérbios 15:1-33	67
08. Seguindo os valores sociais dos sábios Provérbios 22:17-21	75
09. Uma abordagem junguiana do Qohelet Eclesiastes 2:1-26	83

10.	A masculinidade é um delírio Eclesiastes 5:1-20	91
11.	A mortalidade é uma bênção Eclesiastes 11:7-12:8	97
12.	A alegria de pensar como Jesus Filipenses 2:5-11	105
13.	As três faces da alegria Filipenses 4:10-23	113
14.	Introdução às mulheres de Jesus Marcos 5:25-34; Mateus 23:37-39; João 4:1-9	123
15.	Duas mulheres nos ensinam a ter força e fé Marcos 5:21-43	133
16.	A mulher siro-fenícia e sua filha Marcos 7:24-30	139
17.	O pão nosso de cada dia nos dá hoje Mateus 6:9-13	149
18.	Discípulos e discípulas que Jesus reconhece Mateus 7:13-27	155
19.	Jesus veio para causar divisão Mateus 10:34-39	163
20.	Modelar uma criança para entrar no Reino de Deus Mateus 18:1-5 169	171
21.	O Espírito Santo reorienta as expectativas Lucas 1:5-25	179
22.	Por uma comunidade parrhesiástica Atos 4:1-37	189
23.	Por um ministério parrhesiástico Atos 9:1-31	197
24.	Jesus, o pão da vida João 6:22-40	205

25.	Jesus como arquétipo do cuidador João 10:11-21	213
26.	Do que eu falo quando falo de Apocalipse? Apocalipse 1:1-20	221
27.	A Alquimia da vida comunitária Apocalipse 2:18-29	231
28.	Introdução à Carta de Tiago Tiago 1:1	241
29.	Características da experiência com Deus Tiago 1:19-27	249
30.	Usos e abusos da língua Tiago 3:1-12	257
31.	Princípios para uma vida saudável Tiago 5:13-18	265
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	273

Prefácio

Num domingo desses, em que tive o privilégio de ouvir, uma vez mais, meu amigo Alfredo pregar, dirigi-me à comunidade, ao final de sua exposição, dizendo: “Um dia, no futuro, as pessoas lerão e estudarão os sermões de Alfredo Oliva. Hoje, temos o privilégio de assisti-lo ao vivo. Oxalá os membros dessa comunidade não desperdicem tão rica oportunidade”.

Refiro-me, aqui, à Igreja do Caminho, em Londrina, comunidade na qual tenho servido como pastor e dividido com o Alfredo (e outros amigos) o sagrado ofício da pregação e do ensino da Palavra do Eterno. Algumas das mensagens por ele pregadas, você terá a chance de ler neste livro. O futuro – ao qual me referi naquela ocasião – felizmente chegou mais cedo do que eu imaginava. Ainda bem!

Mensagens para o cuidado mútuo é um livro único em que se empreende uma forma singular de reflexão e produção de mensagens, na forma clássica do “sermão” mas, indiretamente, também conta uma parte da história de como nos tornamos uma comunidade do mútuo cuidar, balizados por necessidades concretas de pessoas de coração e alma pulsantes. É um retrato do talento e brilhantismo intelectual do pregador-autor, que jamais subestima a inteligência de seus ouvintes-leitores, associados com sua rara sensibilidade pastoral.

As histórias que o Alfredo conta aqui, portanto, remetem a pessoas do passado, cujas vidas foram narradas nessa antiga biblioteca de poemas, cartas, histórias e lampejos incríveis de sabedoria, também chamada de Bíblia, e são tão significativas a ponto de se tornarem histórias de pessoas vivendo no tempo presente, não tanto porque *aconteceram* – coisa que nem sempre podemos ter certeza, e Alfredo é honesto e responsável o suficiente, enquanto historiador e biblista, para apontar quando há casos de uma incerteza, ou falta de acuidade literária ou histórica nas interpretações correntes sobre textos e personagens bíblicos – mas, sobretudo, porque *acontecem*.

Eis o poder de renovação da Palavra do Eterno em meio às palavras e vivências humanas no tempo. Não é tanto sobre a gente atualizando a Bíblia, mas sobre a Bíblia se atualizando na gente. Como consequência, você tem diante de si um livro ousado e profundamente humano (graças a Deus!), tanto na forma, quanto no conteúdo.

Ousa falar, narrar e escrever na primeira pessoa do singular e ter a coragem de opiniões, ciente de que “são só ideias” (como costume dizer à gente de nossa comunidade), mas que elas podem ser defendidas substancialmente ou de forma embasada, resoluto, amorosa, corajosa e respeitosa, como Alfredo faz, tanto na pessoa que escuta, cuida e prega, quanto como escritor.

Ousa fazer “teologia na encruzilhada”, como propôs há tantos anos o teólogo portoriquenho Orlando Costas, ou “uma reflexão crítica no ponto em que culturas, ideologias, tradições religiosas, sistemas econômicos, políticos e sociais confrontam uns aos outros, e onde o evangelho busca atravessar a fronteira da descrença”.¹ Essa era a proposta de Costas. A proposta de Alfredo segue a mesma linha crítica e dialógica, mas ousa ainda mais: busca

1 COSTAS, Orlando. **Christ outside the gate**: mission beyond christendom. New York: Orbis Books, 1982. p. xiv.

pontos de encontro entre a tradição cristã e a tradição da psicologia profunda, especialmente de Jung, pensador a quem ele tanto ama.

Ousa, por fim, posicionar-se em favor dos “pequeninos”, como tanto instou paraxiologicamente Jesus. Não apenas contra o racismo, a misoginia, a homofobia, o patriarcalismo, os binarismos e toda sorte de exclusão e discriminação, que se mostraram antíteses da vida humana e, por isso, avessas ao evangelho, mas a favor da humanidade, de vidas pretas, de seres humanos LGBTQIAPN+, da feminilidade e de uma nova (e necessária) masculinidade.

Se, hoje, somos uma comunidade mais inclusiva, valorosa em diversidade, vocalmente antirracista, profética, acolhedora e, portanto, mais próxima das inclinações radicalmente evangélicas (do evangelho), muito é em função da influência, presença e das sábias e corajosas intervenções do Alfredo.

Mensagens para o cuidado mútuo é um presente a toda pessoa, igreja e sociedade ainda interessada em uma tradição perene de espiritualidade bíblica, que nunca parou de conversar e se renovar. É um manifesto pela arte do sermão, de como e por que ela ainda pode ser tão necessária aos dias de hoje.

Jonathan Menezes

Londrina, inverno de 2025

Introdução

É claro que eu não leio a Bíblia apenas a partir da psicologia junguiana, nem tão pouco as mensagens que você vai ler a seguir falam exclusivamente de psicologia analítica. Mas, por outro lado, é verdade que nos últimos anos eu venho lendo a Bíblia, sobretudo, a partir desse ponto de vista. E talvez seja importante que eu explique para você o que significa, para mim, ler a Bíblia dessa maneira.

Carl Gustav Jung foi um psiquiatra suíço que viveu entre 1875 e 1961. E ele criou uma forma própria de trabalhar no campo da psicologia, que é hoje designada de psicologia junguiana ou psicologia analítica. Psicologia analítica tem em comum com a psicanálise o fato de considerar que o ser humano é, fundamentalmente, do ponto de vista psíquico, constituído de inconsciente e consciente, mas tem também uma série de pontos de divergência em relação a ela (psicanálise).

Para que você não se aborreça com discussões teóricas e técnicas, gostaria apenas de dizer que do ponto de vista da psicologia analítica o inconsciente é visto como uma fonte de produção de símbolos, e é aqui que ela se encontra com a religião. Expressar-se por meio de símbolos é uma característica comum do inconsciente, pessoal, coletivo, mas também é a marca fundamental da linguagem religiosa.

Então, quando eu digo que eu estou lendo a Bíblia a partir da psicologia analítica, quero dizer que eu estou olhando principalmente para a ela como um livro religioso, como um escrito que produz símbolos, e estes precisam ser colocados em perspectiva, devendo ser analisados e relacionados com emblemas de outros campos do saber. E foi através desse trabalho de correlacionar símbolos bíblicos com símbolos culturais, com inconsciente pessoal, com inconsciente coletivo, que eu comecei a ler a Bíblia de uns anos para cá.

Também tenho que dizer que o contexto em que eu leio, interpreto e exponho a Bíblia está relacionado a uma comunidade da fé. Estou conectado à Igreja Presbiteriana do Caminho há quase uma década, e nela eu tenho tido a oportunidade de pregar de uma a duas vezes por mês. Essas mensagens que eu apresento a seguir foram todas elas preparadas para serem pregadas na Igreja Presbiteriana do Caminho, ou foram preparadas previamente, mas adequadas para serem anunciadas posteriormente nesta comunidade.

E essa igreja tem algumas peculiaridades. Uma delas é de que ela é uma comunidade relativamente pequena em número de pessoas, mas bastante escolarizada. E quando eu digo isso, estou me referindo ao fato de que há pessoas com um grau de instrução bastante alto ou muito acima da média. E isso tem permitido que nós progredamos em algumas questões teológicas e pontos de vista que não são comuns ao perfil das igrejas evangélicas brasileiras. Nós conseguimos avançar bastante na crítica a vários pontos de vista que são, via de regra, defendidos em outras igrejas do nosso país, como é o caso do machismo, da homofobia, no racismo, das teologias da prosperidade e teologias de adesão ao neoliberalismo capitalista contemporâneo.

Então, se você se sente incomodado/a com a teologia que tem sido norma nas igrejas evangélicas brasileiras, esse conjunto de mensagens poderá trazer um grande conforto para você. E, talvez, eu possa dizer que o ponto de vista que permite fazer uma amarra no trabalho de crítica desses pontos

de vista mencionados é a psicologia analítica. Claro que quando eu digo que sou crítico em relação a esses aspectos que mencionei anteriormente, estou falando de mim, dos pontos de vista que eu assumo, e não estou querendo afirmar que qualquer outra pessoa da comunidade ou da sua liderança deva pensar ou pense da forma como eu estou expondo aqui, nessas mensagens que virão a seguir.

Outro aspecto que eu acho importante mencionar neste momento é que, nós, junguianos, utilizamos um conceito chamado de sincronicidade, que aponta para o fato de que existem fenômenos que convergem sem ter nenhuma relação de causalidade entre si, mas que essa confluência os torna significativos. Às vezes chamamos essa experiência de coincidência significativa, mas, talvez, para quem é temente a Deus, não existam coincidências. São fatos, ou seriam fatos providenciais que estariam em sintonia por alguma força, por algum aspecto místico que a gente ainda não foi capaz de explicar por que funcionam dessa forma.

E uma dessas “coincidências”, muito entre aspas, é que eu fui colecionando as mensagens para serem publicadas e quando eu atingi um número bastante satisfatório, eu comecei então fazer o sumário delas e percebi que eu estava diante de 31 pequenos textos. O fato de estarmos diante de 31 mensagens sugere que você possa pegar esse livro também com o propósito de ter um mês inteiro, independentemente do número de dias que ele tiver, para lê-lo e meditar diariamente sobre cada um desses temas. Claro que isso pode ser algo bastante extenso para algumas pessoas, e talvez você prefira ler uma mensagem por semana, e você poderá fazer isso ao longo de vários meses. Mas, se você desejar, poderá ler intensamente um texto por dia ou, claro, em qualquer outra ordem e ritmo que achar adequado.

Ainda é importante dizer que cada texto forma um corpo independente do outro, porque originalmente foram mensagens pregadas no domingo de manhã, que é o dia de culto da nossa comunidade. Isso também significa

que cada mensagem traz as marcas da independência e da oralidade. Então, muitas vezes, você vai perceber que o jeito que eu escrevo está muito próximo da maneira como falo, e eu fiz questão de preservar isso para que o acesso a esse conteúdo, que já tem em si uma certa complexidade, se torne acessível para a maior parte das pessoas. Claro que cada texto vai exigir um certo esforço de cada pessoa que lê o que eu estou expressando. Isso demanda tanto um esforço intelectual quanto uma boa vontade para entrar em temas que são delicados, que são difíceis, que não são comuns de termos contato quando estamos numa comunidade evangélica brasileira que se movimenta dentro dos padrões.

Por fim, devo esclarecer que todos os textos apresentam uma estrutura similar: introdução, dois a quatro pontos e considerações finais. Isso se deve ao fato de que há uma homilética tradicional em nossas igrejas que segue um certo padrão. Introdução para criar uma conexão com o auditório. Dois a quatro pontos porque isso é o mínimo e o máximo que as pessoas conseguem acompanhar em uma exposição oral. Considerações finais, para chegar ao que chamamos de parte prática da mensagem, é quando aplicamos de forma mais intensa o conteúdo exposto. As pessoas que frequentam igrejas evangélicas logo reconhecerão esse padrão, mas tenho a esperança de que esses textos cheguem também até junguianos/as que seriam de outras religiões, ou agnósticos, mas que também poderiam se beneficiar de uma exposição de uma visão simbólica dos textos bíblicos.

Eu diria que as mensagens que ora apresento para vocês pressupõem um leitor ou leitora curioso/a, aberto/a para novas ideias, sedento/a de experimentar aquilo que é diferente. E se as mensagens produzirem um efeito que eu gostaria muito, elas vão contribuir bastante para que as nossas igrejas sejam espaços mais inclusivos em todos os sentidos que você puder imaginar. E essa é a principal razão pela qual estou chamando esse conjunto de textos de “mensagens para o cuidado mútuo”. Elas pressupõem que

todos/as nós somos agentes e objeto do cuidado, e também que o sujeito que as escreveu é muito mais alguém que olha a vida cristã do ponto de vista da saúde afetiva do que da teologia tradicional. Ou que instrumentaliza a teologia tradicional a serviço da inclusão e do cuidado mútuo.

Gostaria muito de agradecer à Igreja Presbiteriana do Caminho, que me acolheu na minha singularidade como pessoa, que esteve aberta para esses experimentos teológicos e psicológicos que agora apresento. Em especial, agradeço ao nosso pastor, Jonathan Menezes, e à liderança maior da igreja, que têm me dado liberdade para poder me expressar. A minha criatividade e o meu desejo de dizer coisas diferentes foram tão importantes quanto o fato de existir um ambiente disposto a acolher as coisas que eu teria para dizer. Espero que gostem e aproveitem daquilo que vem a seguir.

01.

Três considerações sobre a oração

Salmo 13:1-6

Introdução

Richard Foster, em seu livro “Oração, o refúgio da alma”, nos fala de 21 formas diferentes de oração. A relevância de uma reflexão sobre a oração está no fato de que desconhecemos este mundo diversificado.²

Emil Brunner, em seu livro “Nossa fé”, aponta a dificuldade que enfrentamos para orar: “Por isso orar é mais difícil do que trabalhar, exigindo tanto mais esforço. De cem homens que não temem o esforço do trabalho, apenas alguns poucos suportam o esforço da oração. A grande maioria evita o orar. Tem medo dele. Quem não teria medo, inicialmente, de estar sozinho com Deus? Este é o motivo por que tão poucas pessoas paraticam realmente a oração. Tagarelar algumas rezas não é orar.”³

Também tenho preocupações pessoais acerca da oração. Lendo o livro de J. M. Drescher, “Se eu começasse meu ministério de novo”, me chamou a atenção o fato de vê-lo dizer que a primeira coisa que faria seria procurar ser

2 FOSTER, R. **Oração**: refúgio da alma. São Paulo: Vida, 1993.

3 BRUNNER, E. **Nossa fé**. São Leopoldo: Sinodal, 1995. pp. 96-97.